

Ellen White e as Pseudepígrafes

Jasher, Enoque e o Amálgama do Homem e Besta

Matthew J. Korpman¹

Resumo

Embora o tema da relação de Ellen White com os apócrifos tenha recentemente começado a receber mais atenção nos estudos, o tema da sua interação e utilização da literatura não-canônica mais ampla, fora da sua Bíblia de família, não recebeu praticamente nenhuma investigação acadêmica. Como tal, este artigo procura corrigir este silêncio, realizando uma revisão cuidadosa de todas as declarações atualmente conhecidas de White que fazem referência, alude ou citam informalmente obras apócrifas e pseudoepígrafas do Antigo Testamento fora da sua Bíblia do século XIX. A conclusão desta pesquisa argumenta que ela de fato utilizou tais obras em seus escritos (livros como *Jasher*), mas também que ela permaneceu aberta à possibilidade de descobrir ainda mais obras parabílicas (livros potencialmente como *1 Enoch*). Além disso, reconhecer a sua dívida para com *Jasher* demonstra o valor de tal investigação a revelar que os seus primeiros comentários sobre a “amálgama” do homem e da besta foram baseados numa passagem deste trabalho pseudepigráfico, apontando para uma nova compreensão das suas intenções quando ela invocou a declaração controversa.

¹ As with all my previous articles on this topic, I owe a debt of gratitude to my undergraduate thesis advisors Kendra Haloviak Valentine and Gil Valentine, without whose support and guidance this research may never have seen the light of day. I am grateful to call you friends and colleagues.

Se os estudos anteriores de Graybill (1987) e Korpman (2018; 2020a; 2020b)² lançaram nova luz sobre o tema dos apócrifos no início do Adventismo, algo que foi obscurecido principalmente pela negligência, este estudo procura lançar luz sobre um tema que, até agora, nem sequer era reconhecido como uma questão da qual os historiadores e a igreja em geral precisavam de estar conscientes. Agora é geralmente entendido que Ellen White teve durante toda a sua vida, como muitos colegas adventistas, uma grande Bíblia familiar com os apócrifos incluídos no meio da encadernação. Parece que White também tinha à sua disposição livros apócrifos que ela usava em seu estudo pessoal. Embora ela tenha admitido em uma ocasião ter lido tais obras e até mesmo comentado uma em particular, os historiadores do passado perderam alusões e citações informais que ela fez dessas obras em seus escritos. Como tal, o tema foi ignorado em silêncio virtual.

As Pseudepígrafas do Antigo Testamento, em resumo, representam uma grande coleção de material que, embora muitas vezes reivindique autoridade e inspiração bíblica, normalmente (com apenas algumas exceções, ou seja, *4 Ezra*, *1 Enoch*, *2 e 4 Baruch*) nunca foi incluído em nenhuma Bíblia cristã. O termo “pseudepígrafe” refere-se literalmente à ideia de que o livro é “falsamente atribuído” a um autor.³ Embora este não seja o caso de todas as obras que se enquadram nesta categoria ampla, é reflexo de muitas delas. A outra grande coleção de material não canônico é conhecida como Apócrifos do Novo Testamento, que também inclui muitas obras pseudoepigráficas com o tema do Novo Testamento. Os livros dessas duas coleções variam amplamente, desde obras com nomes de Enoque, personagem do Antigo Testamento, até evangelhos extra-canônicos com nomes de discípulos como Tomé. Estas obras adicionais, embora largamente ignoradas ao longo da história protestante pela grande maioria (em parte devido à falta de acesso a

² For an attempt to situate this history of Adventism within the overall development of Protestant thinking, see Korpman 2021.

³ However, not all books that are called pseudepigrapha make an explicit claim to false authorship. And likewise, some books in the Bible are considered pseudepigrapha by most scholars. Thus, the term is neither negative or positive, but descriptive specifically of a practice and also broadly of a collection of works that were not canonized for most Christians. For example, *1 Enoch* is an example of pseudepigrapha (falsely ascribed to Enoch). But while it is not canon for most Christians, it is included in the Bible for Ethiopian Orthodox Christians and in the Tanakh for Beta-Israelite Jewish groups.

eles), teve um interesse particular para alguns no século XIX, quando novas traduções começaram a circular impressas, e parece que White estava entre esses grupos.

Este estudo procura então corrigir esta ausência de investigação, tentando uma revisão preliminar do material disponível e das evidências que rodeiam esta actividade. O objetivo deste estudo é documentar a evidência de que White leu essas obras apócrifas e, além disso, de que ela as utilizou em vários graus no decorrer de seus próprios escritos teológicos. Esta abordagem será realizada examinando o uso desses escritos extra-bíblicos em uma questão cronológica, revisando cada obra não em termos de seu gênero, mas com relação a quando seu uso mais antigo dela pode ser documentado. Isto foi escolhido com o benefício de potencialmente destacar ou implicar o seu crescimento teológico ao longo do tempo, bem como ilustrar o seu uso contínuo e ininterrupto das obras ao longo da sua vida.

Para os fins deste artigo, as definições de citação, alusão e eco são adotadas daquelas listadas no livro de Christopher Beetham *Echoes of Scripture in the Letter of Paul to the Colossians* (Beetham 2008, 17–24). Como tal, entende-se que as citações formais consistem em seis ou mais palavras idênticas ou quase idênticas introduzidas por referência explícita ao material de origem, enquanto as citações informais são replicações de seis ou mais palavras de uma única fonte identificável, sem introdução ou notação. As alusões são entendidas como feitas conscientemente e consistem em cinco ou menos palavras que reproduzem exatamente ou quase exatamente as palavras ou pensamentos de um único texto identificável, com a intenção do autor de fazer com que seu público familiarizado com o texto reconheça a alusão e, ao chamar a atenção para ela, conecte os dois para criar maior clareza. Os ecos, por outro lado, são conscientes ou possivelmente inconscientes, derivando de uma única fonte identificável, e não esperam que os leitores reconheçam essa fonte, nem são inteligíveis sem essa fonte. A linguagem que se segue neste artigo segue essas fronteiras de definição.

1. O Livro de Jasar

Embora pelo menos três livros diferentes tenham sido publicados e popularizados com o nome nos últimos quinhentos anos, apenas um trabalho que afirma ser o “*Book of Jasher*” ganhou notoriedade e influência adequadas entre alguns

Cristãos. Popularizado pelos primeiros mórmons no século XIX⁴ e ainda hoje lido e compartilhado por vários mórmons leigos em toda a América, bem como por vários outros indivíduos, o livro foi traduzido para o inglês por Mordecai Manuel Noah e A.S. Gould em 1840.⁵ Quatro anos antes da Grande Decepção, a obra foi popularizada por Joseph Smith, que após citar o livro como fonte histórica sobre a vida de Abraão, afirmou que o livro “não havia sido refutado como um mau autor” (Smith 1842, 902).⁶

Surpreendentemente, este livro midráshico,⁷ sugerido ter sido escrito no século XII Ith na Espanha (Zunz 1924, 145-156; Schechter 1924, 94 e 123; Berger 1938/1939, 17), encontrou um público (embora pequeno) dentro do adventismo inicial. O livro foi referenciado diversas vezes entre 1852 e 1859 nas páginas do *Review and Herald* e algumas vezes entre 1893 e 1909 em outros periódicos adventistas associados.⁸ Os respectivos escritores adventistas apresentam-se como abertos à possível autenticidade do livro, e alguns o usam como prova de posições doutrinárias, como o sábado. Ellen White, em particular, parece ter lido a obra e extraído especificamente material de seus primeiros nove capítulos, com sua maior influência afetando suas descrições de Enoque e dos homens da época de Noé.⁹

⁴ The printing rights to the 1840 translation were eventually gained by the Mormon publishing company J.H. Parry Co., who reprinted the work in 1887.

⁵ All translations of *Jasher* quoted in this article are taken from this translation.

⁶ “Abraham, the prophet of the Lord, was laid upon the lion bedstead for a slaughter; and the book of Jasher, which has not been disproved as a bad author, says he was cast into the fire of the Chaldees.”

⁷ For a summary of its history, see Brandt 1986.

⁸ *Review and Herald*, May 6, 1852, January 20, 1853, June 3, 1858; Smith 1859, 122; Colcord 1909; Colcord 1893, 81; Editors 1897, 33; Colcord 1907, 8. In that last reference, Colcord commends both *Jasher* and White’s *Patriarchs and Prophets* as equivalent in helping him to understand the “ancient past.” See an editorial comment in the *Review*, which argues that the biblical work of *Jasher* originally “never had more than human authority” (Editors 1807, 11). Compare with Haskell, who denies that the extant Book of *Jasher* is the same as the one mentioned in the Bible (Haskell 1903, 133). “The Bible speaks of several books that have not come down to us, and no doubt they were as much inspired as those which have come to us” (Editors 1904, 14). “... all the so-called books of Jasher are spurious, whatsoever their claim.”

⁹ Some influences can potentially be seen in some other minor details. Jasher 3:15 and its description of Abel’s sacrifice (“a fire came down from the Lord from heaven and consumed it”) appears to mirror White’s comment that “fire came down from Heaven and consumed it” (White 1879,

A lista a seguir ilustra os vários tipos de referências que White empregou em relação a este documento. Começa com um exemplo de citação informal de White, seguida por uma possível alusão e, em seguida, em terceiro lugar na lista, uma proposta de e co.¹⁰

<i>Book of Jasher</i>	Ellen White
... and God turned and inclined to Abel and his offering, and a fire came down from the Lord from heaven and consumed it. (1:15)	God had respect unto this sacrifice, and fire came down from Heaven and consumed it. (White 1879, 42)
... Terah with all his household were then the first of those that served gods of wood and stone... And there was not a man found in those days in the whole earth, who knew the Lord (for they served each man his own God) except Noah and his household, and all those who were under his counsel knew the Lord in those days. And Abram the son of Terah was waxing great in those days in the house of Noah, and no man knew it, and the Lord was with him. And the Lord gave Abram an understanding heart ... And Abram served the sun in that day and he prayed to him, and when evening came the sun set at usual, and Abram said within himself, Surely this cannot be God? (9:7.10.11.14)	After the dispersion from Babel idolatry again became well-nigh universal... Abraham had grown up in the midst of superstition and heathenism. Even his father's household, by whom the knowledge of God had been preserved, were yielding to the seductive influences surrounding them, and they "served other gods" than Jehovah. But the true faith was not to become extinct. God has ever preserved a remnant to serve Him ... Noah, Shem, in unbroken line, had preserved from age to age the previous revealings of His will. The son of Terah became the inheritor of this holy trust. Idolatry invited him on every side, but in vain. (White 1890, 125)
And as to the tower which the sons men built, the earth opened its mouth and swallowed up one third part thereof,	... they left the work and separated from each other, and scattered abroad in the earth. Up to this time, men had spoken but one language. <i>Lightning from heaven</i> , as

42). Likewise, her comment that Abraham grew up surrounded by idolatry may also reflect *Jasher* 9:7: White 1980, 125.127. It's possible, but perhaps just coincidental, that White describes lightning striking the tower of Babel, potentially mirroring/differing (?) from *Jasher* 9:38 which described fire descending on the tower: *Spirit of Prophecy*, 92–93.

¹⁰ Words that have been italicized by me indicate literary relationship between the two writers.

<i>Book of Jasher</i>	Ellen White
and a fire also descended from heaven and burned another third ... (9:38)	a token of God's wrath, broke off the top of their tower, casting it to the ground. Thus God would show to rebellious man that he is supreme. (White, <i>Spirit of Prophecy</i> , 92–93)

1.1 Parallels with Enoch

Alguns dos primeiros relatos de Enoque feitos por White parecem ter sido extraídos de *Jasher*. Todo o seu relato em seu livro *Spiritual Gifts* de 1864, por exemplo, não apenas reflete *Jasher*, mas contém alusões e/ou ecos claros e intencionais ao relato ali da do. Os muitos detalhes que ela fornece, tanto conceituais quanto lingüisticamente, não eram encontrados nem em sua Bíblia nem em outra literatura da época. Sua única fonte popularmente conhecida, especialmente no Adventismo, foi *Jasher*. Além disso, o relato que ela fornece segue de perto, embora não de forma idêntica, esse trabalho.

<i>Book of Jasher</i>	Ellen White
And it was at the expiration of many years, whilst he [Enoch] was serving the Lord, and praying before him in his house, that an angel of the Lord called to him from Heaven, and he said, Here am I ... (3:7) And he did in this manner for many years, and he afterward concealed himself for six days, and appeared to his people one day in seven; and after that once in a month, and then once in a year, until all the kings, princes and sons of men sought for him, and desired again to see the face of Enoch, and to hear his word; but they could not, as all the sons of men were greatly afraid of Enoch, and they feared to approach him on account of the Godlike awe that was seated upon his countenance; therefore no man could look at him, fearing he might be punished and die. (3:20)	Enoch... realized the corruptions of the human family, and separated himself the descendants of Cain, and reproved them for their great wickedness... Yet righteous Enoch was so distressed with the increasing wickedness of the ungodly, that he would not daily associate with them, fearing that he should be affected by their infidelity... He chose to be separate from them, and spent much of his time in solitude, which he devoted to reflection and prayer... God communed with Enoch through his angels, and gave him divine instruction. He made known to him that he would not always bear with man in his rebellion – that his purpose was to destroy the sinful race by bringing a flood upon the waters.

<i>Book of Jasher</i>	Ellen White
... and Enoch was teaching them the ways of God, behold <i>an angel of the Lord then called unto Enoch</i> from heaven ... (3:23) And <i>he taught them wisdom and knowledge, and gave them instruction, and he reproved them, and he placed before them statues and judgments to do upon earth, and he made peace amongst them, and taught them everlasting life, and dwelt with them some time teaching them all these things.</i> (3:26) ... and it was upon the seventh day that Enoch ascended into heaven in a whirlwind, <i>with horses and chariots of fire.</i> (3:36)	Some believed his words, and turned from their wickedness to fear and worship God. <i>Such often sought Enoch in his places of retirement, and he instructed and prayed for them... At length he chose certain periods for retirement, and would not suffer the people to find him, for they interrupted his holy meditation and communion with God. He did not exclude himself at all times from the society of those who loved him and listened to his words of wisdom; neither did he separate himself wholly from the corrupt. He met with the good and bad at stated times... and instruct them in the knowledge and fear of God ... He would remain with them as long as he could benefit them by his godly conversation and holy example, and then would withdraw himself from all society. ...</i> <i>His face was radiant with a holy light which would remain upon his countenance while instructing those who would hear his words of wisdom. His heavenly and dignified appearance struck the people with awe.</i> (White 1864, 3:54.56)¹¹ Enoch... was not, for God took him, that is, translated him to Heaven. <i>The flaming chariots of God were sent for this holy man, and he was borne to Heaven.</i> (White 1870, 138)

Parallels before the Flood

¹¹ See also White 1890, 85–86.

Outros exemplos em que White recorreu à obra podem ser vistos no que diz respeito às descrições do mundo pré-diluviano. Em outra passagem de *Spiritual Gifts*, apenas algumas páginas depois de Enoque, ela escreveu sobre como era a vida antes do dilúvio, relatando que: “Se alguém escolhesse *take the wives, or cattle*, ou qualquer coisa pertencente ao seu próximo, ele não considerava a justiça ou o direito” (White 1864, 3:63). Compare isso com uma passagem de *Jasher* 4:5 que relata que “seus juízes e governantes foram para as filhas dos homens e *took their wives* à força de seus maridos, de acordo com sua escolha, e dos filhos dos homens naqueles dias *took from the cattle* da terra”. Os dois pensamentos são idênticos e sugerem novamente uma alusão ou eco. Podemos discernir isso de forma plausível como não sendo uma coincidência, dada a dependência anterior mostrada por White algumas páginas antes no capítulo anterior em *Jasher*.

1.2 Parallels with The Flood

As descrições de White da narrativa do dilúvio, da mesma forma, parecem fazer alusão e ecos ao livro do relato de *Jasher*. Os contornos amplos de suas descrições correspondem intimamente aos dos trabalhos anteriores. Não mencionado abaixo, mas ainda assim importante: Tanto White quanto *Jasher* 6:11 compartilham a ideia de que relâmpagos e trovões acompanharam os problemas da arca no mar (White 1890, 100).

<i>Book of Jasher</i>	Ellen White
And Noah and Methuselah spoke all the words of the Lord to the sons of men, day after day, constantly speaking to them. But the sons of men would not hearken to them, nor incline their ears to their words, and they were stiffnecked. And the Lord granted them a period of one hundred and twenty years, saying, <i>If they will return, then will God repent of the evil, so as not to destroy the earth.</i> (5:9–11)	Amid the prevailing corruption, <i>Methuselah, Noah, and many others labored to keep alive the knowledge of the true god and to stay the tide of moral evil.</i> A hundred and twenty years before the Flood, the Lord by a holy angel declared to Noah His purpose, and directed him to build an ark. Had the antediluvians believed the warning, and repented of their evil deeds, the Lord would have turned aside His wrath, as he afterward did from Nineveh. But by their obstinate resistance to the reproofs of conscience and the

Book of Jasher	Ellen White
And they called to Noah, saying, Open for us that we may come to thee in the ark – and wherefore shall we die? ... And they said to Noah, We are ready to return to the Lord; only open for us that we may live and not die... <i>And the sons of men approached in order to break into the ark, to come in on account of the rain, for they could not bear the rain upon them.</i> (6:18.21.24). And the ark floated upon the face of the waters, and it was tossed upon the waters so that all the living creatures within were turned about like pottage in a cauldron. <i>And great anxiety seized all the living creatures that were in the ark, and the ark was like to be broken. And all the living creatures that were in the ark were terrified, and the lions roared, and oxen lowed, and the wolves howled, and every living creature in the ark spoke and lamented in its own language, so that their voices reached to a great distance, and Noah and his sons cried and wept in their troubles; they were greatly afraid that they had reached the gates of death.</i> (6:28–30)	warnings of God's prophet, that generation filled up the measure of their iniquity, and became ripe for destruction. <i>Some in their desperation endeavored to break into the ark, but the firm-made structure withstood their efforts. Some clung to the ark until they were borne away by the surging waters, or their hold was broken by collision with rocks and trees. The massive ark trembled in every fiber as it was beaten by the merciless winds and flung from billow to billow. The cries of the beasts within expressed their fear and pain.</i> (White 1890, 92.97)

1.3 Summary Observations

Embora qualquer um desses paralelos possa ser explicado individualmente, possivelmente por acaso, é altamente improvável que a ocorrência de tantos paralelos para cada uma dessas seções tão próximas e dentro da mesma obra seja o resultado de mero acaso. Em vez disso, o fato de White ter tantas dessas citações, alusões e ecos compartilhados com um livro anterior que tem tão poucos versos e apenas alguns detalhes únicos (todos agrupados dentro de algumas páginas um do outro) indica que ela estava extraindo esse material conscientemente de *Jasher*.

Além disso, White não apenas parece utilizar a obra em uma ocasião, mas a revisita a mais tarde. Por exemplo, embora seu relato em *Spiritual Gifts* de 1864 mostre clara influência de *Jasher*, seu relato atualizado em *Patriarchs and Prophets* de 1894 também mostra a adição de novos detalhes de *Jasher* que a versão anterior havia ignorado, condensado ou ignorado.¹² Da mesma forma, sua referência a Enoque e a carruagem de fogo em 1870 demonstra novos detalhes adicionais de *Jasher* (White 1870, 138). Isto parece indicar que White usou a obra repetidamente ao longo de sua vida para informar seus escritos no que se referia aos primeiros capítulos de Gênesis.

No entanto, este estudo seria negligente se não mencionasse um fato importante: deveríamos assumir *not* que White estava em dívida com *Jasher* em tudo o que relatou, como se ela entendesse que a obra era uma fonte de história completamente inspirada e confiável. Embora ela repita e acompanhe muitos detalhes da obra, ela diverge dramaticamente dela no relato do arrebatamento de Enoque ao Céu. Enquanto *Jasher* registra uma história dramática de Enoque sendo levado para o céu sem que ninguém o visse (e envolvendo a aparente morte daqueles justos perto dele), ela afirma enfaticamente que Enoque foi levado, não escondido, mas à vista tanto dos justos quanto dos ímpios (White 1864, 3:57). Da mesma forma, até onde este estudo pode observar no momento, White não pareceu utilizar o resto de *Jasher* como fez com suas primeiras partes. Isso pode indicar que, embora Ellen White tenha empregado *Jasher*, ela não confiou em tudo o que estava contido nele e sentiu-se livre, por razões desconhecidas, para mudar e alterar o relato à vontade.

Esta atitude em relação a *Jasher* mostra notável semelhança com o fenômeno das “Escrituras Reescritas”, observado na literatura do Segundo Templo, como *Jubilees*, *Pseudo-Philo* (LAB) e *Testament of Job*. Assim como *Jubilees*, que reescreveu os livros de Gênesis e Êxodo, White reescreve a narrativa de *Jasher*. No entanto, ao contrário de *Jubilees* que ainda reconhece as suas fontes anteriores como autorizadas (mesmo que as altere de várias maneiras), a própria reescrita de White parece espelhar a *Testament of Job* que reescreve a história bíblica de Jó e rejeita a sua autoridade e em prega ou remove os detalhes do livro bíblico selectivamente para os seus próprios propósitos. Pode ser possível sugerir provisoriamente que sua utilização

¹² For example, White adds the detail from *Jasher* that Enoch “reproved” and “instructed” only in her later work, but not in her initial books. See White 1890, 86.

de *Jasher* reflete uma atitude semelhante, indicando que embora ela considerasse a tradição autoritária para ser repetida, ela não sentia o mesmo em relação ao livro como um todo.

2. Encontrando o(s) Livro(s) de Enoque

Em 1900, White mais uma vez mostrou interesse nos escritos apócrifos que estavam fora da encadernação de sua grande Bíblia. Comentando sobre o personagem bíblico de Enoque em outra ocasião, ela faz um comentário bastante curioso e, para os propósitos deste artigo, interessante. Refletindo sobre a passagem de Judas 14 que cita a profecia de Enoque, ela escreve que: "Sua profecia não é encontrada nos escritos do Antigo Testamento... Talvez nunca encontremos quaisquer livros que se relacionem com as obras de Enoque, mas Judas, um profeta de Deus, menciona a obra de Enoque" (White 1900).

O que é fascinante nesta afirmação é a ambiguidade que ela deixa aos leitores em relação a um futuro hipotético. Ela está aberta à possibilidade de que seja encontrado um pergaminho antigo *could* que continha obras relacionadas ao patriarca. Ela deixa aberta a possibilidade de que tal livro ou livros possam existir e que eles *might* sejam encontrados. A implicação também é que seria bom se fossem encontrados, mas por enquanto, tudo o que resta é a referência de Jude.

É importante notar que o conhecido *Book of Enoch* (mais comumente conhecido pelos estudiosos hoje como *1 Enoch*) foi traduzido pela primeira vez para o inglês em 1848, após sua descoberta inicial em 1773. Parece certo que ela estava bem ciente de sua existência, como é mencionado em uma série de primeiras publicações adventistas de 1865 em diante.¹³ Em todos esses casos, os autores adventistas demonstram uma confiança em relatos de segunda mão para aprender o que o conteúdo de *1 Enoch*

¹³ The reference is from a non-Adventist work and is cited as evidence for identifying the Levitical scapegoat Azazel with the devil. It is of interest that White also owned the volume which they all cited. See Cornell 1866, 116; Andrews 1870, 28; Andrews 1878, 180; Waggoner, 1874, 29; Canright 1875, 138; Smith 1876, 157. The quotation is repeated also further in the 1880s. See Littlejohn 1884, 578. See also additional references to other non-Adventist works referencing *1 Enoch* in Editors and Taylor 1867, 154. The article is taken from Taylor 1869. Anonymous 1884, 162. Reprinted also later, Anonymous 1888, 114. See also Waggoner 1892, 218; Anonymous 1888, 171. In 1897, again reprinting from another, Ethiopia is praised for providing numerous manuscripts, including the *1 Enoch*. Schodde 1897, 11. In 1907, an article by a non-Adventist was published on the topic of the canon, mentioning that *1 Enoch* was canonical for the Ethiopian Orthodox Christians. Robinson 1906, 10.

foram e em cada caso, eles não emitem nenhum julgamento sobre sua validade. A primeira vez que um adventista fala sobre o assunto ocorre em 1893, quando Wilcox, o editor do *Signs of the Times*, escreve sarcasticamente que: "Diz-se que o livro de Enoque, assim chamado, é aquele que Judas citou em sua epístola. Nunca ocorreu aos nossos sábios que o que Judas cita de 'Enoque, o sétimo desde Adão', é a base de um livro espúrio?" (Wilcox 1893, 178). Embora o comentário tenha sido sério e sincero, à luz das descobertas das primeiras cópias de Enoque entre os Manuscritos do Mar Morto em 1947, é universalmente aceito entre os estudiosos que a carta de Judas dependia de *1 Enoch* 1:9 para sua citação.

A segunda década do século XX trouxe alguns novos desenvolvimentos no que diz respeito ao pensamento adventista sobre este tema. Em 1912, um adventista pela sigla W. L.B. escreveu aos editores de *the Signs* para perguntar "o que é positivamente conhecido sobre o livro de Enoque?" A resposta dos editores é que propõem que possivelmente vale a pena ler.

A respeito disto, entre as autoridades, várias opiniões foram apresentadas... Alguns pensam que é possivelmente citado por Judas, embora haja dúvidas se Judas realmente citou o Livro de Enoque ou não. Este livro pode ter sido baseado em ditos anteriores de Enoque, incorporando-os em seu texto... Seria mais provável acreditar que o escritor desses livros de Enoque baseia seus escritos anteriores que podem ter contido alguns dos ensinamentos de Enoque. (*Signs of the Times*, 1912, 2)

Esta mesma abertura é encontrada em outra coluna da Austrália, na qual o editor escreve que entre os livros não-canônicos mencionados na Bíblia, "dois deles, o Livro de Jasar e o Livro de Enoque, existem agora" (*Signs of the Times – Australian*, 1915, 145). Em outras palavras, o editor afirma que as duas obras pseudepigráficas disponíveis em sua época são idênticas às obras referenciadas na Bíblia. No entanto, embora a certos, estes adventistas posteriores, como os seus homólogos mais antigos, parecem confiar no conhecimento de segunda mão do livro, possivelmente indicando que *1 Enoch* não estava facilmente disponível para muitos deles, e isso provavelmente incluía White.

Como tal, há uma questão sincera se White realmente leu uma tradução da obra durante sua vida ou apenas ouviu falar dela, assim como outras pessoas ao seu redor. As provas podem inclinar-se para esta última e, em particular, a razão para rejeitar o seu interesse nelas pode estar ligada a uma situação específica.

livro que ela prontamente utilizou: Calvin Stowe's

Origin and History of the Books of the Bible.¹⁴ Naquela obra de 1868, Stowe rejeita *1 Enoch* como uma falsificação que foi escrita depois do Novo Testamento, argumentando que provavelmente se baseou no uso de material autêntico de Enoque por Judas para criar o seu próprio.¹⁵ É plausível que esta avaliação pessimista de *1 Enoch* (uma que agora é universalmente rejeitada por todos os estudiosos) e seu positivo a avaliação da bolsa de estudos de Stowe a levou a não procurar sua própria cópia do trabalho para avaliar.

Se alguma coisa deve ser notada em sua passagem comentando sobre a obra de Enoque, é apenas que ela estava aberta à ideia de a igreja descobrir uma obra profética perdida. Se você tivesse entregado a ela uma cópia de *1 Enoch*, ao que tudo indica, ela teria aceitado o livro com entusiasmo e interesse.

3. Insights Hermenêuticos: A Fusão do Homem e da Besta

Alguns podem legitimamente perguntar-se que valor esta pesquisa proporciona ao estudo de Ellen White, além de uma questão de curiosidade a respeito de suas escolhas de leitura. Em primeiro lugar, demonstra o elevado respeito pela Bíblia que ela manteve ao longo da sua carreira literária. Apesar de seu interesse por obras extracanônicas, ela não as trata como se fossem Escrituras. No caso de *Jasher*, ao qual ela parece recorrer mais fortemente em seus primeiros anos, ela na verdade não adere rigorosamente a tudo o que diz e muitas vezes parece desconsiderar tanto quanto emprega. Isto sugere que, ao contrário da Bíblia encadernada que ela segurava (juntamente com os apócrifos dentro dela), ela não via os livros fora dela como obrigatórios para sua adesão ou crença.

White usou os livros que achou adequados. Isto demonstra que, para ela, havia uma distinção clara em termos de autoridade a ser feita entre as escrituras da sua Bíblia (incluindo os Apócrifos, que ela chamou de Palavra de Deus em 1849; cf. White 1849) e aquelas outras obras extracanônicas que foram preservadas fora delas. Em contraste com o pensamento que Ellen e James

¹⁴ White's reliance on Stowe can be seen most readily by her extensive reliance and utilization of his work to craft some of her most famous reflections on the topic of the Bible's inspiration. See Neff 1979/2020.

¹⁵ "It is true that the passage in 14, 15, is found in our present book of Enoch; but as this book was not completed in the form in which we now have it till after this epistle was written, it is probable that Enoch quotes from Jude rather than Jude from Enoch" (Stowe 1868, 420).

White não fez nenhuma “distinção rigorosa entre livros canônicos, livros pseudo-epígrafas e livros apócrifos” (Casebolt 2018, 68-69),¹⁶ é claro que ela fez sua própria distinção entre as Escrituras (incluindo os apócrifos encadernados) dentro de sua Bíblia e o mundo mais amplo da literatura pseudo-epigráfica fora, embora não seja uma que se já compartilhada pelos adventistas hoje.

Isto ajuda-nos a apreciar a forte ênfase que ela colocou na autoridade das Escrituras e nos seus apelos comuns para basear as crenças nas Escrituras e não na tradição. No entanto, o seu hábito de ler estas outras obras e a sua capacidade liberal de extrair delas novas ideias e detalhes sobre a Bíblia também sugerem que a “tradição” não era tão negativa ou má como ela poderia ter levado alguns a supor. Havia, de fato, um lugar para tais tradições extra-bíblicas em sua biblioteca e elas ajudaram a informar o trabalho que ela realizou. Desta forma, White modelou, ainda que de forma amadora, um modelo inicial de um fiel estudioso bíblico moderno que faz uso livre de materiais canônicos e não-canônicos, embora pessoalmente entenda que um deles tem autoridade religiosa e o outro é apenas potencialmente informativo para isso. Em contradição com alguns indivíduos mais fundamentalistas de hoje que sentem que literatura extracanônica e obras de fora da Bíblia não deveriam ser empregadas no estudo das Escrituras, Ellen White apresentou um contra-exemplo inicial para tal retórica extrema.

Embora isso demonstre uma ilustração do valor geral que esta pesquisa traz aos estudos de Ellen White (e ao discurso teológico adventista), há também benefícios mais específicos que tal trabalho traz para controvérsias específicas. Para retornar ao seu uso inicial de *Jasher* em *Spiritual Gifts*, podemos notar que logo após fazer seu comentário descrevendo as esposas e o gado pré-diluviano (que foi revisado anteriormente), ela também faz o que se tornou uma de suas observações mais controversas, afirmando que “se houve um pecado acima de outro que exigiu a destruição da raça pelo dilúvio, foi o crime vil de *amalgamation of man and beast* que desfigurou a imagem de Deus e causou confusão em todos os lugares” (White 1864, 3:64).

Este estranho testemunho das ações da humanidade antes do dilúvio causou muito debate dentro do Adventismo. Alguns, incluindo seus críticos, levaram isso para

¹⁶ It is uncertain whether Casebolt originally meant to signify pseudepigrapha and apocrypha as distinct categories, as is common in academia, or if he only meant to imply that she didn't differentiate between the rest of the standard Apocrypha and 2 *Esdras*, which is an example of pseud-epigraphic literature (in genre).

implicam que homens e animais procriavam juntos para criar novas e estranhas criaturas híbridas, uma ideia que nunca agradou à maioria, até porque é cientificamente impossível e também foi usada para ataques racistas contra os povos africanos. O que é fascinante perceber é de onde White parece ter tirado originalmente a ideia: diretamente de uma passagem em *Jasher*. Compare a citação anterior de White com a seguinte de *Jasher* 4:18, na qual se lê como os homens “ensinavam a mistura de animais de uma espécie com outra”.

É bastante claro, dados os paralelos em todas essas páginas entre *Jasher* e *Spiritual Gifts* e sua clara tentativa de reescrever as narrativas, que o versículo encontrado em *Jasher* é o que constitui a base para seu comentário sobre a amálgama. Existem simplesmente demasiados pontos de ligação, alusões diretas e ecos entre as duas obras, no espaço de algumas páginas, para serem registados como mera coincidência. O grande valor em perceber isto é que, uma vez que a fonte original da sua declaração controversa derivou do texto em *Jasher*, olhar para o contexto dessa obra ajuda muito a esclarecer quaisquer mal-entendidos em torno da interpretação do comentário de White.

Longe de implicar relações homem/animal, o versículo em *Jasher* implica apenas o processo de cruzamento de animais conduzido pelo homem. O uso da frase por White então, quando este contexto é reconhecido, indica definitivamente que ela estava se referindo a homens *with* homens e animais *with* animais, e não a homens *with* animais como alguns a entenderam mal. Isto pode ser confirmado pelo reconhecimento de que, embora *Jasher* indique que os animais foram misturados “uns” com os outros, White observa que houve mistura de homem “e” animal, indicando que ela está falando de dois grupos que tinham misturas dentro deles, e não uma mistura entre eles.¹⁷

O sentido dos seus comentários parece estar localizado na sua afirmação de que foi um pecado que “desfigurou a imagem de Deus e causou confusão em todo o lado”, uma confusão que ela descreveu como “corrompendo os seus caminhos”. Uma maneira de entender isso seria reconhecer que se ela presumisse a intenção de *Jasher*, então os humanos de quem ela falou misturaram homens diferentes *with* homens. Na interpretação cristã clássica desde Agostinho, esta ideia é bem conhecida e também foi

¹⁷ This, however, may still carry racial implications, such as suggesting an echo of the belief that different races shouldn't intermarry, a belief that White proposed in her cautions toward the topic. As such, even recognizing the source of the statement cannot completely clarify what may still be a problematic quote of hers.

abraçado por White ao longo de seu primeiro ministério: a mistura dos descendentes de Caim e Sete. Se Caim representasse a rejeição de Deus e os descendentes de Sete representassem a personificação divina da Imago Dei, então uma mistura dos dois parceiros em jugo desigual seria de fato possível de ser descrita como a imagem de Deus.

Agora, para que isso não pareça apenas uma simples especulação, White afirma algumas páginas antes de seu amálgama comentar que:

Seth was of more noble stature do que Caim ou Abel, e *resembled Adam* mais do que qualquer um de seus outros filhos. Os descendentes de Sete tiveram *separated themselves from the wicked* descendentes de Caim. Eles prezavam o conhecimento da vontade de Deus, enquanto a raça ímpia de Caim não tinha respeito por Deus e pelos seus mandamentos sagrados. Mas quando os homens se multiplicaram na terra, os descendentes de Sete viram que as filhas de Caim eram muito bonitas e se afastaram de Deus e o desagradaram ao tomarem esposas da raça idólatra de Caim, conforme escolheram... Como os filhos de Deus [setitas] se misturaram com os filhos dos homens [cainitas], *they became corrupt*, e por casamentos mistos com eles, *lost, through the influence of their wives, their peculiar, holy character*, e se uniram aos filhos de Caim em *their idolatry*. (Branco 1864, 3:60)

É importante lembrar que Ellen White, seguindo *Jasher*, observou que os homens antes do dilúvio estavam roubando esposas de seus vizinhos, e que os juízes e governantes estavam roubando mulheres de seus súditos, já sugerindo mistura forçada de povos devido às crenças violentas e corruptas da época. Quem eram esses homens? A longa citação anterior deixa claro: os *mixed* descendentes de Caim e Sete. Por outras palavras, o grupo que ela descreveu como praticando a amálgama é o grupo que já era, segundo ela, uma amálgama dos descendentes de Caim e de Sete. Isso então serve de pano de fundo para os comentários que ela faz sobre a fusão. Quando ela diz que foi um pecado acima de todos os outros, é porque ela está observando que Gênesis 6:1-4 (que ela interpretou como uma descrição dos descendentes de Caim e Sete) o lista como a principal causa do dilúvio. Em vez de uma reflexão pessoal da sua própria análise teológica, é simplesmente o seu resumo da afirmação feita na passagem do Gênesis. Em suma, os comentários de White sobre a fusão de homem e animal parecem nunca ter sido sobre homens *with* feras, mas uma articulação da união profana e dos modos destrutivos resultantes da união das linhagens de Caim e Sete, seguindo a visão agostiniana de Gênesis 6:1-4.

Por outro lado, reconhecer a fonte não nega outras considerações éticas. Por exemplo, dada a confusão que cercou a interpretação dos seus comentários, desde a sua primeira publicação, como o seu silêncio deveria ser interpretado?¹⁸ Dado que a maioria dos Adventistas, quase desde o início, presumiu que os seus comentários significavam homem *with* besta, a sua incapacidade de esclarecer o acima exposto não sugere pelo menos uma cumplicidade mínima com as suas opiniões racistas? O tema da fusão era culturalmente popular e o seu silêncio dificilmente pode ser desculpado ou a culpa transferida para os leitores, e de facto esse silêncio pode sugerir que durante algum tempo ela estava disposta a, pelo menos, *consider* as propostas alternativas possíveis, independentemente de qualquer que fosse a inspiração original para a sua ideia. Estas são questões importantes e só podem ser abordadas tendo em conta todas as evidências, algo que novos estudos devem persistir em fazer.

Independentemente de como se interprete o seu silêncio posterior, mais uma vez é possível ver o valor em estudar o papel das pseudepígrafas nos escritos de White. Afirmações que de outra forma teriam deixado perplexos investigadores e intérpretes do seu trabalho têm o potencial de serem resolvidas de novas formas, reconhecendo a fonte e de tais declarações e o contexto que originalmente as informou. No entanto, estas novas explicações também nos levam a reflectir sobre dilemas éticos renovados e agravados.

4. Resultados Teológicos para Adventistas (e Outros)

Outra questão levantada por este artigo é se existe algum valor específico a ser encontrado para aqueles que não estão engajados nos primeiros estudos históricos adventistas. Ao estudar o papel de Ellen White como líder da igreja e guia profética para o Adventismo do Sétimo Dia, e observar como o seu uso de material extracanônico apresenta desafios interessantes tanto para a compreensão adventista de sua própria inspiração quanto dos materiais que ela utilizou (questões que, até o momento, não são respondidas por qualquer consenso), pode-se fornecer uma analogia moderna para comparação com exemplos bíblicos de fenômenos semelhantes.

Por exemplo, a carta de Judas, uma obra bíblica, cita *1 Enoch* 1:9 como confiável e também relata uma história apócrifa de um documento agora inexistente do Judaísmo do Segundo Templo. O fato de Judas presumir que seu público cristão acreditava nas Escrituras não é incomum, pois logo depois

¹⁸ For studies of this issue, see Shigley 1982; Willey 2018.

o mesmo aconteceu com a citação apostólica extensivamente da obra inspirada. Tal como no caso de *White for Adventists*, muitos cristãos lutam para entender por que um autor inspirado poderia utilizar, acreditar e afirmar documentos que atualmente não fazemos. Embora Judas não seja afirmado como um profeta nas Escrituras, antes da descoberta de *1 Enoch* e de sua publicação no século XIX, alguns presumiam que a citação de Enoque derivava de uma visão. Assim, as questões envolvendo Jude e White não são tão diferentes quanto se poderia supor.

No centro de tais divergências está frequentemente um debate sobre a inspiração das Escrituras ou dos profetas, uma questão que também afecta alguns nas suas discussões sobre os escritos de White. A carta de Judas está condicionada pelas suas circunstâncias sociais? Pode um profeta ou escritor inspirado acreditar em coisas incorretas e ainda assim ser considerado inspirado? Embora alguns possam estar inclinados a imaginar que as questões que afectam os estudos de Ellen White são exclusivas da história adventista, as questões envolvidas com ela também reflectem os mesmos tipos de lutas que todos os cristãos devem enfrentar quando se envolvem com autores bíblicos que muitas vezes desafiam as nossas expectativas sobre a forma como o Espírito Santo opera.

Para os teólogos adventistas, parece claro que White adotou uma abordagem em relação às pseudepígrafas que de certa forma lembrava o método histórico-crítico dos estudos bíblicos. Ela acreditava que havia verdades inspiradas potencialmente em livros fora da Bíblia física que ela possuía, mas não acreditava que essas verdades estivessem isentas de erros. Como tal, embora ela pudesse copiar copiosamente aspectos do livro de *Jasher* em seus escritos, ela mudaria ou ignoraria muitos outros. Em outras palavras, White praticou uma “hermenêutica da suspeita” com essas fontes e um uso seletivo delas que parece distinguir como ela as via em comparação com o conteúdo de sua Bíblia, mantendo assim sua visão de uma compreensão adventista da *Sola Scriptura*. Por outro lado, ela exclamou em suas primeiras visões que os livros apócrifos em sua Bíblia faziam parte da “palavra de Deus” e esse fato deveria alertar os estudiosos, reconhecendo que seu próprio senso do que definia o conteúdo da “*Sola Scriptura*” pode ter diferido em vários momentos de outros e de nossas próprias definições, assim como aconteceu com muitos adventistas ao longo do século XIX (Korpman 2018, 56-65).

Embora White não explique o processo de como ela seleccionou várias passagens de obras não-canônicas para utilizar em sua exegese, e embora ela não tenha delineado suas suposições para que possamos entendê-las, ela ressalta

o mínimo é que uma hermenêutica adventista para a Bíblia seja igualmente aberta a fontes não-canônicas (além de simplesmente os apócrifos tradicionais incluídos em sua Bíblia King James), permitindo que suas vozes contribuam para o conhecimento da Bíblia pela igreja, mesmo que apenas as suposições que o povo da Bíblia sustentava. Em vez de evitar a grande coleção de materiais não-canônicos que descobrimos, e assumir que a Bíblia é suficiente, a igreja Adventista deveria afirmar a Bíblia como suficiente *while* abraçando a contribuição que a literatura intertestamentária e outras literaturas podem fornecer na ampliação das nossas perspectivas.

5. Conclusão

Concluindo, embora possa haver outras obras pseudoepigráficas e apócrifas nas quais White se baseou durante sua vida como escritora, as aqui revisadas são as únicas obras conhecidas até o momento. Mais pesquisas sobre esta nova área de estudo deveriam ser encorajadas e embora a acusação equivocada de plágio tenha sido outrora a discussão central de várias décadas passadas, a nova questão a ser enfrentada tanto pelos historiadores como pelos teólogos adventistas é como apreciar e utilizar este aspecto negligenciado e largamente ignorado do ministério de White. Espera-se que os adventistas comecem a reconhecer que embora seja importante *identify* as fontes de onde ela tirou ideias, é tão, se não mais importante, descobrir *why* que ela tirou daquela fonte e *how she understood* o processo para si mesma.

Na revisão deste estudo e daqueles que o precederam, as implicações são claras: não apenas White, quando era uma jovem de dezessete anos, lia 2 Esdras como outros adventistas, mas logo mais tarde em sua vida foi exposta e leu literatura extra-bíblica que não estava amplamente difundida nos lares dos mileritas. Esta literatura foi formativa, embora não essencial, para o desenvolvimento de seus pontos de vista e escritos literários. É então imperativo que os historiadores e teólogos adventistas voltem a sua atenção para este aspecto da sua vida, reconhecendo que para White e para os primeiros Adventistas do Sétimo Dia com ela, a gama de material “bíblico”, ao qual podiam recorrer, canônico ou não, era muito maior do que muitos hoje sabem.

Lista de Referência

ANDRES, J. N. "A Ordem dos Eventos no Julgamento: Número Onze." *Review and Herald* 35.4, 1870, 28. Andrews, J.N. "A Ordem dos Eventos no Julgamento : Número Onze." *Signs of the Times* 4.23, 1878, 180. Beetham, Christopher A. *Echoes of Scripture in the Letter of Paul to the Colossians*. Leiden: Brill, 2008. Berger, Abraham. "A Literatura do Folclore Judaico." *Journal of Jewish Bibliography* 1, 1938-1939, 12-20. "Livro de Enoque." *Signs of the Times* 39.23, 1912, 2. "Livros mencionados na Bíblia." *Signs of the Times – Australian* 30.9, 1915, 143. Brandt, Edward J. "O Livro de Jasar e os Santos dos Últimos Dias." C. Wilfred Griggs, ed. *Apocryphal Writings and Latter-day Saints*. Provo, UT: Centro de Estudos Religiosos, Universidade Brigham Young, 1986, 297-318. Canright, D.M. "Ministração dos Anjos: Satanás Preso por Mil Anos." *Signs of the Times* 1.18, 1875, 138. Casebolt, Donald E. "'Não me foi ensinado por homens': Ellen White e 2 Esdras." *Spectrum* 46.1, 2018, 68-69. Colcord, WA "Livros que mais me ajudaram". *The Youth Instructor* 57.41, 1907, 8. Colcord, WA "Liberdade Religiosa". *Home Missionary Magazine* 5.4, 1893, 81. Colcord, WA "A controvérsia sobre a questão do sábado no Egito."

Review and Herald 86.12, 1909, 18-19. Cornell, ME "Azazel ou Satanás." *Review and Herald* 27.15, 1866, 116. Graybill, Ronald. "Sob a Águia Tríplice: Uso Adventista da Apo Crypha." *Adventist Heritage* 12, inverno de 1987, 25 a 32. Haske ll, S.N. "O Livro." *Bible Training School* 1.9, 1903, 133. "Imortalidade – Crença dos Antigos Hebreus." *Bible Echo and Signs of the Times* 1.8, 1888, 114. "Imortalidade – Crença dos Antigos Hebreus." *Signs of the Times* 10.11, 1884, 162. Korpman, Matthew J. "O Livro Oculto do Adventismo: Uma Breve História dos Apócrifos." *Spectrum* 46.1, 2018, 56-65. Korpman, Matthew J. "Antíoco Epifânio em 1919: Ellen White, Daniel e os Livros dos Macabeus." *Adventist Today* 28.2, primavera de 2020 a, 30-33. Korpman, Matthew J. "Escrituras Esquecidas: Alusões e Citações dos Apócrifos de Ellen White." *Spes Christiana* 31.2, 2020b, 109-146.

Korpman, Matthew J. "A recepção protestante dos apócrifos." Gerbern Oegema, ed. *The Oxford Handbook of the Apocrypha*. Nova York: Oxford University Press, 2021, 74-93. Littlejohn, W.H. "O Templo no Céu: Uma Conversa Imaginária sobre um Tema Muito Importante." *Review and Herald* 61.37, 1884, 578. MC. Wilcox, "Editorial". *Signs of the Times* 19.12, 1893, 178. Neff, David. "A dívida teológica e literária de Ellen White para com Calvin Stowe." Artigo não publicado em White Estate. Revisado em 1979 por Neff e atualizado em 2020 por Kevin L. Morgan. Cópia acessada no repositório Academia.edu. https://www.academia.edu/44013743/Ellen_Whites_Theological_and_Literary_Indebtedness_to_Calvin_Stowe_by_David_Neff "O tempo de Noé e o nosso." *The Bible Echo and Signs of the Times* 12.5, 1897, 33. Robinson, George L. "O Cânon da Bíblia." *Review and Herald* 83.2, 1906, 10. "Cantinho das Perguntas". *Signs of the Times* 30.37, 1904, 14. Schechter, S. *Studies in Judaism*. Vol. 3. Filadélfia: The Jewish Publication Society of America, 1924. Schodde, George H. "Nova Partida na Igreja Abissínia". *Signs of the Times* 23.17, 1897, 11. Shigley, Gordon. "A málgama de Homem e Besta: O que Ellen White quis dizer?" *Spectrum* 12:4, 1982, 10-18. SMITH, José. "Perseguição dos Profetas." *Times and Seasons* 3, 1º de setembro de 1842. 902. Smith, Uriah. "Mortal ou Imortal? Qual? Ou uma Investigação sobre a Constituição Atual e a Condição Futura do Homem." *Review and Herald* 14.16, 1859, 121-123. Smith, Urias. "O Santuário: Quadragésimo Documento - O Bode Expiatório." *Review and Herald* 48.20, 1876, 157. Stowe, Calvin E. *Origin and History of the Books of the Bible, both the Canonical and the Apocryphal, Designed to Show what the Bible Is Not, What It Is, and How to Use It*. Hartford, CT: Hartford Publishing Co., 1868. Taylor, DT. *The Coming Earthquake, and the Signs that Betoken Its Approach*. Boston, Mass.: H. L. Hastings, 1869. "The Apocrypha". *Bible Echo and Signs of the Times* 3.11, 1888, 171. *The Book of Jasher*. Nova York: M.M. Noé e A.S. Gould, 1840. "O terremoto que se aproxima". *Review and Herald* 34.20, 1867, 154. "As Evidências do Cristianismo." *Review and Herald* 37.2, 1870, 11.

Wagoner, J. H. "Origem e destino de Satanás: Satanás preso", *Bible Echo and Signs of the Times* 7.14, 1892, 218. Waggoner, J.H. "A Expição. Não – 21." *Review and Herald* 44.4, 1874, 29. White, Ellen. "Fragmentos, o Profeta, Enoque." *Manuscript* 43, 2 de agosto de 1900.

Branco, Ellen. *Patriarchs and Prophets*. Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 1890. White, Ellen. "Observações Práticas." *Review and Herald* 35. 18, 1870, 138. White, Ellen. "Observações em Visão." Manuscrito 5, 23 de setembro de 1849. Ellen G. White Estate, Silver Spring, EUA. Branco, Ellen. "O Grande Conflito entre Cristo e Seus Anjos e Satanás e Seus Anjos. Capítulo Cinco, Caim e Abel." *Signs of the Times* 5.6, 1879, 42. White, Ellen. *Patriarchs and Prophets*. Washington, DC: Review and Herald Publishing Association., 1890. White, Ellen. *Spirit of Prophecy*. 4 volumes. Battle Creek, MI: Review and Herald Publishing Association, 1870 a 1884. Reimpresso em 1969. White, Ellen. *Spiritual Gifts*. 4. vols. Battle Creek, MI: Steam Press, 1858 a 1864. Reimpresso em 1995. Willey, T. Joe. "Declarações insinuantes de amálgama de Ellen White."

Adventist Today 26:2, 2018, 26-31. Zunz, Leopoldo. *Die gottesdienstlichen Vorträge der Juden, historisch entwickelt*. Berlin: A. Asher, 1832.

Zusammenfassung

Obwohl dem Thema von Ellen Whites Beziehung zu den Apokryphen seit Kurzem mehr wissenschaftliche Aufmerksamkeit gewidmet wird, gibt es praktisch keine akademische Forschung über ihre Interaktion und Nutzung wichtiger nichtkanonischer Literatur außerhalb ihrer Familienbibel. Der Artikel versucht, dieses Schweigen zu korrigieren durch eine sorgfältige Prüfung aller derzeit bekannten Aussagen von White, die auf apokryphe und pseudepigraphische Werke des Alten Testaments außerhalb ihrer Bibel aus dem 19. Jh. Bezug nehmen, anspielen oder diese informell zitieren. Die Schlussfolgerung dieser Untersuchung ist, dass sie solche Werke in ihren Schriften tatsächlich verwendete (Bücher wie *Jaschar*), aber auch, dass sie für die Möglichkeit offenblieb, weitere parabiblische Werke zu entdecken (Bücher wie möglicherweise *1 Henoch*). Der Wert solcher Forschung wird deutlich durch die Anerkennung ihrer Anleihen an *Jaschar* und dass ihre früheren Kommentare über eine „Verschmelzung“ von Mensch und Tier auf einer Passage dieses pseudepigraphischen Werks basierten, womit ein Hinweis auf ein neues Verständnis seiner Absichten vorliegt, nämlich sie sich auf die umstrittene Aussage stütze.

Retomar

Bem que o assunto da relação de Ellen White com os Livres Apócrifos começou recentemente a fazer o objeto de um, com grande atenção da parte das queridas, sua interação com a mais grande literatura não canônica e sua utilização desta dita literatura fora da Bíblia familiar e praticada pelo objeto de ouro pesquisa acadêmica. Então, este artigo tenta retificar esse silêncio, empreendendo um exame minucioso de todas as declarações atuais conhecidas de White, que são referência de fonte, alusão ou que citam de maneira informada dos insultos apócrifos e pseudo-epígrafes do Antigo Testamento, fora da Bíblia do século XIX. A conclusão desta pesquisa é baseada na maneira como ela usou ou eficazmente os recursos nos seus escritos (des livres como Jasher), mas também o que está reservado para a possibilidade de descobrir mais outros recursos parabíblicos (des livres potencialmente como *1 Enoch*). Além disso, o reconhecimento deste em todos os lugares de Jasher demonstra o valor de uma pesquisa reveladora de que seus primeiros comentários sobre o 'amalgame' de l'homme et de la bête étaient baseia-se em uma passagem de sua obra pseudo-epígrafe, o que permite uma nova compreensão de suas intenções quando se trata de invocar esta declaração controversa.

Matthew J. Korpman, M.A.R. (Escola de Divindade da Universidade de Yale), é professor adjunto da Universidade La Sierra e está cursando doutorado em Novo Testamento pela Universidade de Birmingham, Reino Unido. E-mail: mkorpman@lasierra.edu